VIDAS EM JOGO: UM ESTUDO SOBRE MULHERES ENVOLVIDAS COM O TRÁFICO DE DROGAS

Sintia Soares Helpes[[1]](#footnote-1)

Universidade Federal de Juiz de Fora

Brasil

RESUMO

 O número de mulheres aprisionadas por tráfico de drogas ao redor do mundo tem chamado atenção pelo aumento alarmante nas últimas décadas. No Brasil, o aumento de mulheres cumprindo pena privativa de liberdade nos últimos anos foi proporcionalmente maior ao de homens na mesma condição e o tráfico de drogas é o crime de maior incidência entre elas. Este trabalho visa explorar este universo ainda tão negligenciado, tanto na academia, quanto nas políticas governamentais: as mulheres que ganham suas vidas com o tráfico de entopercentes. Destacaremos três aspectos a serem abordados: a dificuldade financeira enquanto motivação para a entrada e permanência no tráfico, a influência de relações amorosas e as funções realizadas por elas no interior da atividade ilícita.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é embasado na dissertação de mestrado “Vidas em jogo: um estudo sobre mulheres envolvidas com o tráfico de drogas”, vencedora do 18º concurso nacional de monografias do Instituto Brasileiro de Ciências Criminais (IBCCRIM) e publicada em livro com o mesmo título. A pesquisa contou com a aplicação de três tipos de metodologia: observação participante realizada na Penitenciária Professor Ariosvaldo Campos Pires, localizada na cidade de Juiz de Fora, MG, aplicação de questionários direcionados a 81 detentas que foram sentenciadas pelo crime de tráfico de drogas, o que corresponde a 100% das mulheres aprisionadas sob esta tipificação na referida penitenciária, e entrevistas de histórias de vida, realizadas com dez delas.

 O objetivo da pesquisa foi compreender a condição das mulheres envolvidas com o tráfico de drogas na cidade de Juiz de Fora, entender suas motivações e, principalmente, como o gênero influencia na construção da carreira ilícita, que é consolidada a partir da interação entre diversos atores (Becker, 2008). O objeto de estudo foi assim delimitado devido ao fato do tráfico de drogas ter ganhado papel de destaque nas últimas décadas, aumentando, cada vez mais sua representatividade dentre os demais crimes. No Brasil, apesar do protagonismo masculino na maior parte das ações criminosas, a participação feminina em atividades ilícitas também tem se destacado, uma vez que a quantidade de mulheres presas, nos últimos anos, sofreu um aumento proporcionalmente superior ao número de homens na mesma condição. O aumento da população carcerária está intimamente ligado à atividade de tráfico de drogas. Esta tipificação ocupa, atualmente, a primeira colocação entre os crimes mais praticados pelas brasileiras que cumprem pena privativa de liberdade. Este aumento significativo no número de presidiárias devido ao envolvimento com o tráfico tem motivado importantes estudos, porém, como esta preocupação ainda é recente, percebemos que a literatura sobre o tema ainda é muito escassa se comparada à criminalidade masculina.

Discutiremos, neste artigo, algumas das principais conclusões obtidas na pesquisa apresentada, no que diz respeito a três aspectos: primeiro, a dificuldade financeira oriunda do desemprego ou de empregos precarizados como principal motivação para entrada e permanência no tráfico; segundo, o impacto das relações amorosas para a participação na atividade e, por fim, alguns elementos do cotidiano destas mulheres no tráfico.

QUEM SÃO ESTAS MULHERES?

Em relação às presidiárias por tráfico de drogas da PPACP, constatamos que maior parte delas são não brancas, sendo que, proporcionalmente, as negras são as que apresentam uma maior representatividade no espaço prisional. Parte significativa delas são jovens e possuem baixa escolaridade. Dentre as reclusas entrevistadas, 83% possuem filhos e 59% são responsáveis financeiramente por seus lares. Maior parte delas, 72%, já haviam realizado experiências em relação ao mercado de trabalho antes ou concomitantemente ao tráfico de drogas.

O perfil de presidiárias acima levantado corrobora as pesquisas que apontam o caráter seletivo de punição desenvolvido pelo sistema prisional. A não perseguição aos crimes considerados colarinho branco, a repressão ostensiva às infrações praticadas pelos mais pobres, a tolerância da sociedade em relação aos crimes cometidos pelos ricos, a capacidade das classes favorecidas em encobrir suas ações ilícitas e de subornar agentes da lei, dentre outros elementos, transformam o sistema penal moderno em uma grande máquina seletiva de punição. (Foucault, 1987; Wacquant, 2003; Santos, 1981).

DESEMPREGO E TRABALHO PRECARIZADO

Todas as entrevistadas, de alguma maneira, consideraram que a dificuldade financeira em que se encontravam foi um elemento central para que aderissem ao tráfico de drogas, pois esperavam, através desta atividade, superar a condição vivida.

Joana, 37 anos, descreve como o tráfico de drogas surgiu na vida de sua família enquanto uma possibilidade de fonte de renda.

Minha infância foi ruim. Minha mãe se prostituia. Nós morava num quartim, na zona. (...) Viu que pela idade dela, ela tava com problema de pressão, que não daria mais também, ela tava também sem os dente, ela viu que não daria pra se prostituir mais. Aí o que que minha mãe fez? Ela começou vender maconha. A minha mãe cresceu, minha mãe fez uma boa casa, do jeito que nós queria. Cada uma escolheu seu vaso, cada uma escolheu a torneira do seu banheiro, cada uma escolheu o piso. E então, fez com que nós fechasse com a minha mãe. Se eu sair hoje da cadeia eu posso chegar no banco, meter o cartão que eu sei que eu tenho lá. Consegui isso ao poder do tráfico. (Joana, 37 anos)

Ao recorrem às suas memórias para se lembrar das motivações que as fizeram iniciar suas atividades no tráfico, é frequente chamarem atenção para o fato de terem responsabilidade financeira sobre outras pessoas, o que agrava as consequências derivadas da dificuldade financeira pela qual passavam. Na maior parte dos casos, as entrevistadas enfatizaram sua responsabilidade sobre os filhos, que, muitas vezes, eram criados sem nenhum auxílio do pai.

Dentre as mulheres apreendidas pelo tráfico de drogas na PPACP verificamos que maior parte delas, 58%, são as principais responsáveis financeiras pelas suas famílias, como fica exposto em alguns depoimentos, nos quais a urgência em garantir dinheiro para a manutenção da família são enfatizados.

Patrícia narra que, para manter sua família, trabalhava em uma atividade lícita durante à noite e vendia drogas durante o dia.

Porque minha vó, o marido da minha vó era doente, minha vó era sozinha, ela e o marido dela, o marido dela era cego. E assim, minha vó ficava me falando muito na minha cabeça por causa de outro filho, que eu arrumei outra criança. Minha vó sempre me ajudou, mas eu não quis ficar dentro da casa dela, eles falavam muito na minha cabeça. Aí eu peguei e arrumei uma casa pra mim, uma quitinete. Aí pra mim pagar aluguel, trabalhava à noite aí alguém tinha que olhar eles à noite, porque de dia eles ficavam na creche. Aí arrumei uma menina pra ficar comigo lá em casa, aí enquanto ela olhava as crianças eu ia trabalhar e de dia eu vendia. Passava a maior dificuldade com os dois. Um pequenininho, de dois anos e pouco, quase três, e mais um, na barriga, eu com 19 anos. (Patricia, 25 anos)

Rosa, 42 anos, aponta que realizou um trabalho no tráfico com o intuito de ajudar financeiramente seu irmão, uma vez que este estava sob ameaça de traficantes motivada por uma dívida que o mesmo estabeleceu.

Ele (irmão) foi preso pela primeira vez, saiu. Na segunda vez, ele fez uma dívida muito grande no CERESP, tava devendo 3.500 reais. Eu não tinha como pagar. Aí eu fui buscar essa droga pra pagar a dívida. *Foi quando você começou a traficar?* Foi. Aí eu caí. Foi na primeira. Aí veio pela transportadora Martins, por interceptação telefônica... Em 2007. Tem 6 anos e 2 meses. (Rosa, 42 anos)

Virgínia já havia trabalhado em diversas áreas antes de efetuar-se o acidente que a deixou tetraplégica por cerca de dois anos, e que ainda apresenta sérias sequelas, dificultando sua locomoção. No período que sucedeu o acidente, a depoente acima citada viu-se impossibilitada de retornar ao trabalho, ao mesmo tempo em que necessitava de dinheiro para realizar o seu tratamento. Foi neste momento, em torno dos 35 anos de idade, que iniciou suas atividades no tráfico, o que a possibilitou, com o dinheiro obtido, a recuperação de parte dos movimentos de seu corpo.

Aí eu fiquei tetraplégica, sem movimentar o corpo, mexia nada, a não ser os olhos, assim mesmo um olho só né, porque o outro tava enfaixado, porque eu tive um corte nos meus olhos e tive traumatismo, daquele traumatismo mais fraco. (...) Eu fiquei tetraplégica mesmo por um ano e seis meses... As pessoas tinham que me alimentar, eu usava fralda, no início sonda, depois fralda, tinha que me dar banho, tinha que cuidar de mim como se eu fosse um bebê, tinha que me virar na cama pra não dar “escarno” no corpo. (...) Eu fiz muita fisioterapia. Foi aí que eu entrei no mundo das drogas, porque eu já tinha perdido tudo que eu tinha... Eu tinha meu bar ainda, só que tava me dando muito prejuízo. Foi aí que eu comecei a vender droga. (...) Foi assim, uma pessoa me ofereceu, perguntou se eu precisava de dinheiro, eu falei que precisava. Aí ele me deu droga pra eu vender... Aí foi assim, aí eu comecei a pagar meu tratamento... Ajudava a minha mãe, que cuidava das minhas filha, ajudava minha irmã que tava fazendo faculdade, quando ela precisava de mim, eu tava sempre com dinheiro pra ajudar ela, ajudava minhas colegas, que tava ali sempre comigo me ajudando também. Pagava minhas contas todinhas, nunca deixei aluguel atrasar, água, luz. Além disso, eu pagava o meu tratamento, que eu fazia hidroterapia particular, fisioterapia particular e RPG. (Virgínia, 48 anos)

 O relacionamento afetivo com um homem envolvido com o narcotráfico costuma ser uma hipótese recorrente sobre o que leva as mulheres a investirem na atividade. Costa (2008), autora do livro *Amor Bandido,* cujo título utilizamos como subtítulo, demonstra como as mulheres presas pelo tráfico de drogas em Maceió tiveram suas práticas no narcotráfico impulsionadas por relações amorosas.

Verificamos em nossa pesquisa, assim como Moura (2012), que, embora o relacionamento afetivo com um homem seja um dos fatores impulsionadores para a entrada da mulher no tráfico, ele não é tão recorrente no nosso universo de pesquisa. Maior parte das mulheres entrevistadas sequer estava envolvida com alguém no inicio de suas carreiras no tráfico. Ao contrário, o fato de estarem solteiras, com a responsabilidade de cuidar e garantir o sustento dos filhos, desempregadas ou com empregos precários, foi determinante para muitas de nossas entrevistadas aderirem ao crime como meio de sobrevivência e aumento de renda. A possibilidade de se envolverem com traficantes durante suas vidas não exerce, necessariamente, uma relação de causalidade nas vidas dessas mulheres.

Após Clara relembrar que iniciou sua carreira no tráfico através do contato com uma amiga, questionamos a entrevistada se ela já havia vivenciado um relacionamento afetivo com algum traficante. A resposta, além de ser negativa, demonstrava o quanto Clara repudiava a possibilidade de se envolver com alguém e “misturar” “negócios” com “prazer”, além de demonstrar um grande apreço pela sua liberdade.

Sempre acontece de algum... de jogar uma piadinha, de querer ficar, se envolver, sabe? Mas, eu nunca quis não, porque, sabe assim, você ser livre, fazer o que você quer, na hora que você quer, não precisa dar satisfação pra ninguém? É uma liberdade assim, muito gostosa né, se souber usar ela, né? Se souber usar, cê vai ter ela pro resto da vida. (...) *E você nunca se envolveu com ninguém do tráfico, mesmo depois?* Não, porque negócio é negócio, não, não, não... isso aí, não me envolvi com ninguém não, de jeito nenhum, nem podia fazer isso né? Pra mim, no meu ponto de vista, ia ser assim, muito estranho né? Se a gente tá ali fazendo um negócio, eu vou envolver negócio com lazer? (Clara, 48 anos)

Uma das entrevistadas, Simone, vendia maconha em pequena quantidade desde os 14 anos. Com 18 anos, casou-se com um traficante e tomou para si os negócios do marido, por considerar que ele, por ser usuário de cocaína, não era capaz de desenvolver a atividade tão bem quanto ela. Dessa forma, enquanto ele estava recluso e após sua morte, que aconteceu ainda durante o cumprimento da pena, Simone ampliava o negócio. Organizava o transporte de cocaína no eixo Paraguai - Rio de Janeiro - São Paulo e estava a frente de um processo com 44 acusados, todos subordinados a ela. Neste caso, compreendemos o papel impulsionador que o relacionamento exerceu sobre sua atuaçã no tráfico, porém, não foi determinante para sua carreira uma vez que, enquanto o marido estava ausente, ela alcançou uma hierarquia muito superior a dele no tráfico.

Só que aí, o q aconteceu? Ele (*o marido*) começou a usar muita droga, muita cocaína, e aí o que aconteceu? Ele deixou a gente de lado, tudo de lado. Então o que que eu fiz? Eu falei assim: “bem, já que ele fica assim, 5 dias cheirando, e os dois dias doente, da semana. Ele cheirava 5 dias, 2 dias ficava doente. Então esses 5 dias da semana que ele estava cheirando, eu tinha que correr atrás”. Aí eu comecei a traficar. Eu conheci outras pessoas, né... que era mais forte na maconha, e comecei a traficar, coisa de 500 kilos... Já mudei minha vida. (...) Aí comprei outro caminhão *(já depois do falecimento do marido)* e fui. Aí nisso... começou indo muito bem. Só que maconha dá muito trabalho, a gente tem que arrumar uma espaço... a gente tava trabalhando com caminhão, aí não queria mais caminhão, queria carreta, era muita coisa que queria trazer. Não queria mais trazer 10 toneladas, queria trazer era 15, 20 toneladas. Vamo, vamo aumentar. E aí tive que começar a arrumar sítio que fazia... que tinha condição de carreta entrar, não era mais caminhão, era carreta. (Simone, 47 anos)

As histórias de vida destas e de outras mulheres nos mostram que elas não são, necessariamente, movidas por sentimentos pelo companheiro. A realidade em que se encontravam as fizeram recorrer ao tráfico, muitas vezes para sair da miséria, ou para melhorar sua condição financeira. Em alguns casos, as entrevistadas demonstraram, ao contrário do que a entrevistadora esperava, uma relação utilitária com os homens com os quais se relacionavam e, em determinadas situações, enfatizavam a subordinação dos companheiros frente a elas. Estas são algumas histórias que enfrentam a concepção do papel da mulher enquanto passiva e subordinada às vontades do homem. São mulheres que, a sua maneira, escreveram suas histórias, desafiando milênios de tradição patriarcal. Em alguns casos, essa autonomia foi forjada pelo sofrimento, pela violência, pelo abuso, pela dor, de suas mães, irmãs, ou delas mesmas.

Identificamos, assim, que a influência amorosa não é o único elemento que atua sobre estas mulheres, em muitas situações sequer exerce algum impacto. Isso não significa dizer que declinamos à hipótese em todas as situações. Se, em alguns casos, os relacionamentos não exerceram influência sobre suas carreiras no tráfico, em outros, eles foram determinantes, como o caso de Anita, que conheceremos a seguir.

Assim, infelizmente eu deixei ele ficar em primeiro plano na minha vida. Sabe? Eu esqueci um pouco de mim, da minha vida e vivi a vida dele. Acho que foi isso. Eu esqueci de mim, da minha vida, das minhas coisas, dos meus planos, e comecei a viver a vida dele, a vida que ele levava. Assim, por amor a ele, né, foi assim, pra agradar, sei lá. As vontades dele, e esqueci as minhas próprias. (...) Pra mim, eu não via isso como um crime propriamente dito. Então, eu pensava assim, poxa, é ele que, né, que trafica, que vende, é ele que faz tudo, eu só faço isso aqui, então pra mim... eu não via aquilo como crime. Nunca imaginei. Infelizmente eu não tive assim, eu não tive essa noção. Eu não tive a noção da gravidade do que eu tava fazendo, né... Coisa que hoje eu tenho e muita... Ele não tinha uma boca, assim, um ponto fixo não... Ele mexia, tipo assim, com quantidade, com peso mesmo. Ele recebia assim, peso, grandes quantidades e distribuía. Abastecia outros lugares, outra cidades. (...) *Você só ajudava na contabilidade?* Só. Assim, mesmo assim, só depois que ele foi preso, né? Porque até então, não. Nem isso eu fazia. Foi depois que ele foi preso, porque aí começou uma certa cobrança. “poxa, mas assim...”, ele dizia assim, “não tenho ninguém de confiança, ainda mais com dinheiro, como eu posso por alguém pra mexer com dinheiro, que é uma coisa, assim, séria, porque né, assim, eu tenho que pagar os outros, então é uma coisa séria, não posso por na mão de qualquer pessoa, e você é a única pessoa que eu confio”, aí, essas conversas né. Assim, foi depois que ele foi preso, foi pouco tempo mesmo. Foi muito pouco tempo. (Anita, 29 anos).

O COTIDIANO NO TRÁFICO

Pesquisas sobre as mulheres no tráfico de drogas têm demonstrado que estas ocupam os piores postos na atividade, tais como “mula”, “bucha” ou “avião”[[2]](#footnote-2) (Moura 2012, Barcinki 2009).

 Porém, esta não foi a realidade encontrada na nossa pesquisa. Dentre as dez entrevistadas no presente trabalho, apenas uma se considerou “mula”. Uma delas afirmou que ajudava o namorado a vender. Duas eram tesoureiras, destas, uma era responsável pelas finanças da boca de fumo do tio e outra cuidava das finanças dos negócios do namorado, que distribuía drogas para diversos revendedores de Juiz de Fora e região. Cinco classificaram sua função no tráfico enquanto “donas de boca de fumo”. É importante ressaltar que, embora esta função seja superior a várias outras no tráfico, trata-se de bocas de fumo pequenas, que vendem drogas a varejo e funcionam na própria casa das sentenciadas. Já uma das entrevistadas comandava um grupo que executava o transporte e distribuição de drogas no eixo Paraguai – Rio de Janeiro- São Paulo, tendo, inclusive, realizado algumas distribuições de drogas transportadas por navios para os Estados Unidos e Europa.

 Conforme podemos notar a partir da descrição acima, esta pesquisa destoa das outras que foram aqui apresentadas, quanto à função das mulheres no tráfico. Não se trata de negar que, no mundo do tráfico, as relações de poder do masculino sobre o feminino sejam reproduzidas, mas que, apesar desta reprodução de poder, algumas mulheres têm conseguido alcançar, não sem dificuldade, postos mais valorizados do tráfico, o que se assemelha a outros espaços dentro da legalidade, como, por exemplo, nas relações de trabalho, nos estudos, etc.

Quanto aos dados obtidos na pesquisa quantitativa, podemos identificar que as mulheres ocupam os mais diversos postos de trabalho no tráfico e, embora a função de mula/avião/bucha tenha sido apontada por 19% das reclusas, 16% delas afirmaram ser donas de boca de fumo, o que é um número alto diante outras pesquisas já citadas.

Alexandra, além de ser dona de uma boca de fumo, afirma que também aprendeu a produzir crack.

Eu já comprei a base e eu mesma fiz o crack. A cocaína eu não sei fazer não. Eu mesma fiz o crack, entendeu? Eu sei, eu já vi, né? Fiquei no meio dos grandão lá e tudo, mas sempre observado... Em Campo Grande, entendeu? E lá na Bolívia, que já fui. E Paraguai. Eu já fui buscar maconha lá. Já fui em Cabrobó, Pernambuco. Os cantos eu já fui tudo aí buscar maconha. Eu mesmo ia, eu mesma botava na mochila e vinha, entendeu? Porque eu nunca gostei de botar alguém pra correr risco pra mim. (Alexandra, 48 anos).

Por ser ainda um espaço predominantemente masculino e que apenas começa a ser ocupado por mulheres, Simone não esconde o orgulho que sente de si mesma por ter construído uma carreira bem sucedida no tráfico. O orgulho convivia contraditoriamente com o medo de ser presa, o que, na sua opinião, seria inevitável.

Eu também achava que eu tinha que parar, porque eu já tinha ido muito longe. Porque a nossa quadrilha foi aumentando, no começo era eu e ele (um paraguaio com quem negociava), depois foi ramificando... Aí envolveu quarenta e quatro pessoas no inquérito. Algumas delas que eu nem conhecia... Aí eu falei, poxa, eu não conheço ninguém que tem coragem de fazer o que eu faço. Nenhuma mulher que tem coragem. Fui longe demais, eu deitava e pensava, fui longe demais. Agora não tem como voltar atrás. *O que você sentia quando pensava isso, medo, orgulho?* No mesmo tempo que eu sentia orgulho, eu sentia pânico, porque eu sabia que eu ia presa. Eu pensava, eu vou presa, a polícia federal vai me pegar... *Você chegou a conhecer alguma mulher que alcançou o seu nível no tráfico?* Não. Só trabalhei com homem. Nunca trabalhei com nenhuma mulher. (Simone, 49 anos)

Quando questionadas se sofriam, na atividade que desempenhavam algum tipo de preconceito ou de desconfiança por ser mulheres, maior parte respondeu que não. A seguir algumas afirmavam que “se davam ao respeito”, mostrando que estavam ali para negócios e não para se envolverem emocionalmente ou sexualmente. Não identificamos preocupação semelhante nas pesquisas sobre tráfico cujos protagonistas eram homens (SÁ, 1996; FRAGA, 2006). O fato de estas mulheres sentirem a necessidade de precisar “se dá ao respeito” e não se envolverem com nenhum homem, já é suficiente para demonstrar que, de fato, existe uma desconfiança em relação a ela e, para superar esta desconfiança, ela precisa, muito mais do que os homens, demonstrar seriedade e responsabilidade nas suas atividades cotidianas.

Outras, que também afirmaram não perceber nenhum tipo de preconceito, enfatizaram que são capazes de agir com violência, caso seja necessário. Narraram situações que enfrentaram com outros traficantes e que, frente a uma ameaça, ou uma traição de um comparsa, não hesitou em matar, ou mandar matar. Uma delas, ainda, afirma que não sofria nenhum tipo de discriminação, uma vez que não era vista enquanto mulher, mas sim, como homem, devido a sua orientação sexual, atitudes e comportamento.

 O que podemos perceber, nestes depoimentos é que não é verdade que a grande participação de mulheres no tráfico signifique que este se abriu ao que é considerado o universo feminino. Ao contrário, a atividade permanece exigindo certos valores considerados masculinos, tais como, violência, imposições, ameaças, etc. Neste caso, a mulher, que por uma série de fatores participa do tráfico, precisa se adaptar a este universo e agir conforme as regras da atividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

 Em relação às motivações para participação das entrevistadas no tráfico, detectamos, com maior incidência, o interesse em aumentar suas rendas a fim de garantir com menos dificuldades sua sobrevivência e, na maior parte dos casos, de sua família, uma vez que maior parte das presidiárias possuem filhos e são responsáveis financeiramente por eles. Após iniciarem seu envolvimento com o tráfico, ainda que em atividades subalternas, percebem que sua renda aumenta em relação aos trabalhos lícitos que desempenhavam anteriormente e esta melhoria em sua condição financeira é elemento fundamental para que permaneçam correndo os riscos da atividade e busquem consolidar suas carreiras no tráfico. Não se trata de afirmar que o tráfico surge somente enquanto uma alternativa ao desemprego. Ele surge também enquanto alternativa a trabalhos altamente precarizados, caracterizados por baixos salários, poucos direitos trabalhistas, que estão, em sua maior parte, direcionados à mão de obra feminina, de baixa escolaridade e sem qualificação profissional. Soma-se a isto a ausência dos pais no cuidado com os filhos e a indisponibilidade de creches públicas, o que dificulta que estas mulheres consigam manter-se no mercado de trabalho legal.

Outro elemento motivador de participação e permanência no tráfico, porém abordado secundariamente pelas entrevistadas, é o envolvimento amoroso com homens que já praticavam a atividade. Estes exemplos foram minoritários em nosso estudo, uma vez que maior parte das mulheres entrevistadas declarou estar solteira no início de sua participação no tráfico.

Elemento de destaque foi a quantidade razoável de mulheres que cumpriam tarefas mais valorizadas no tráfico, o que destoou de outras pesquisas realizadas no Brasil, que apontam a participação de quase totalidade das mulheres com tarefas subalternas, como *mula, avião* e *bucha.* Isto pode significar mudanças recentes na composição do tráfico de drogas em que as mulheres estão conseguindo ocupar postos até então reservados aos homens. Algumas mulheres que trabalham nesta atividade apresentam, muitas vezes, uma postura próxima ao *ethos* masculino, em que a violência é valorizada enquanto virtude. Outras afirmam não fazerem uso de métodos violentos e chamam atenção para sua disciplina e responsabilidade ao mover os negócios.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

Barcinski, M. (2009). Centralidade de gênero no processo de construção da identidade de mulheres envolvidas na rede do tráfico de drogas. Ciência e Saúde Coletiva. 14 (05), 1843-1853. Disponível em: [http://www.scielo.br/pdf/csc/v14n5/26.pdf. Acessado em 11/07/2015](http://www.scielo.br/pdf/csc/v14n5/26.pdf.%20Acessado%20em%2011/07/2015).

Becker, H. (2008). Outsiders.Rio de Janeiro: Zahar.

COSTA, E. C. (2008). Amor Bandido: As teias afetivas que envolvem a mulher no tráfico de drogas.Maceió: EdUFAL.

Foucault, M. (1987). Vigiar e punir: o nascimento da prisão*.* Petrópolis: Vozes.

Fraga, P. C. (2006). Tortura contra pessoas acusadas de crime no Rio de Janeiro: A funcionalidade da violência instituicional e policial contra os ilegalismos. *Teoria e Cultura*, p. 62-81.

Helpes, S.S. (2014). Vidas em jogo: um estudo sobre mulheres envolvidas com o tráfico de drogas. São Paulo: IBCCRIM.

Moura, M. J. (2012). Mulher, tráfico de drogas e prisão*.* Fortaleza: EDUECE; EDMETA.

Sá, G. R. (1996). A prisão dos excluídos: origens e reflexões sobre a pena privativa de liberdade.Juiz de Fora: EDUFJF.

Santos, J. C. (1981). A Criminologia Radical*.* Rio de Janeiro: Forense.

Soares, B. M., & Ilgenfrit, I. (2002). Prisioneiras: vida e violência atrás das grades*.* Rio de Janeiro: Garamond.

Wacquant, L. (2003). Punir os pobres. A nova gestão da miséria nos Estados Unidos. Rio de Janeiro: Revan.

1. Doutoranda e Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Endereço eletrônico: sintiahelpes@yahoo.com.br [↑](#footnote-ref-1)
2. *Mula, bucha, avião:* responsável por transportar pequenas quantidades de droga de um lugar a outro. Tarefa compreendida enquanto subalterna por ser pouco rentável e arriscada. [↑](#footnote-ref-2)